

CAPA

Críticos e professores de literatura elegem as melhores editoras do Brasil às vésperas dos principais eventos literários do ano, a Flip e a Bienal do Livro de São Paulo. Por **Márcio Ferrari**, para o **Valor**, de São Paulo

Letras maiúsculas

Em número totalmente dedicado ao Brasil no mês passado, a "Wallpaper" abriu espaço, entre alguns assuntos mais previsíveis como top models, Oscar Niemeyer e música popular, para uma chamada de capa que anunciava um boom de livros no Brasil. A reportagem referia-se não só às editoras, mas também às livrarias. Não há dúvida de que as coisas mudaram para melhor, como constatou a revista britânica. Nos últimos três anos, o número de livrarias no país cresceu 10%, segundo o Diagnóstico do Setor Livreiro, que a Associação Nacional de Livrarias (ANL) divulga na terça-feira, às vésperas dos dois principais eventos literários do ano no Brasil: a cultuada Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) e a superlativa 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Nesse novo capítulo da história do livro nacional, o **Valor** promoveu uma enquete com um grupo de críticos e professores para identificar qual é a melhor editora do Brasil. A Companhia das Letras ficou em primeiro lugar (81%), e a Cosac Naify em segundo (76%). E, mesmo que em quantidade de votos menor, número significativo de outras

Ranking das melhores editoras

As mais votadas pelo júri

- 1 Companhia das Letras
- 2 Cosac Naify
- 3 34, Martins Fontes, Record
- 4 UFMG
- 5 Ateliê, Hedra, Iluminuras, Unicamp
- 6 Contraponto, Difel, Edusp, Escrituras, Perspectiva, UnB, Vozes, WMF Martins Fontes, Zahar

editoras foi mencionado, numa evidência de que o mercado editorial brasileiro vive um bom momento em qualidade e diversidade. Os votantes e os responsáveis pela linha editorial das duas casas mais votadas concordam que o panorama é um dos melhores da história do livro no Brasil. Para o diretor editorial da Cosac Naify, Cassiano Elek Machado, a reportagem da "Wallpaper" foi um sinal inesperado dessa vitalidade.

"Estamos vivendo um momento de esplendor", afirma Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, empresa que teve faturamento de R\$ 56 milhões no ano pas-

sado. "O mercado todo se profissionalizou e os governos vêm investindo em educação, o que para as editoras é melhor do que isenção fiscal." Augusto Massi, editor-presidente da Cosac Naify, vê na própria empresa, fundada há 13 anos, os reflexos "de um público mais formado e de um comércio de livros mais profissionalizado": "De três ou quatro anos para cá, a editora amadureceu, mudou de patamar e de visibilidade".

A pesquisa promovida pelo **Valor** não teve a intenção de medir a eficiência empresarial, mas indicar as editoras que mais se destacam culturalmente. A votação se encaminhou naturalmente para a ênfase nas áreas artístico-literária e das ciências humanas e muitos dos votantes mencionaram a capacidade de interferir na vida cultural e de formar leitores como critérios para medir a qualidade de uma editora. Aos 21 especialistas consultados, foi pedido que fossem escolhidas as três melhores casas editoriais. Ficaram de fora as áreas mais especializadas, como as dos livros técnicos, os de autoajuda e os didáticos e paradidáticos, embora a grande movimentação nesses setores nos últimos anos, em



Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, escolhida por críticos e professores a melhor editora do Brasil

que ocorreram grandes fusões e incorporações, certamente influi no quadro geral.

Muitos dos votantes atribuíram à Companhia das Letras, que completa 25 anos em 2011, o estabelecimento de um padrão de qualidade que se tornou referência no mercado editorial. Massi concorda e considera a Cosac uma beneficiária desse precedente. Alguns dos integrantes do júri compararam a Companhia à antiga José Olympio, a casa editorial brasileira mais importante do Brasil entre os anos 30 e 60, traçando uma linhagem das boas editoras brasileiras. Algumas das mais tradicionais ainda estão em forma. É o caso da Martins Fontes, que, para a professora Maria Lúcia Dal Farra, “é uma daquelas editoras sérias que seguram o tranco sem aparecer muito, apesar de sempre ativas”.

O próprio Schwarcz, ao criar a Companhia das Letras, vinha da experiência de trabalho na Editora Brasiliense, que marcou época entre o fim dos anos 70 e início dos 80 com uma linha de livros voltada para o público jovem. Schwarcz percebia a existência de um leitor em formação que a Brasiliense não tinha entre suas prioridades acompanhar e essa foi uma das percepções que o orientaram na nova editora. “Foi um pouco empírico”, diz ele sobre seu projeto inicial. “Eu acreditava que havia a possibilidade de uma editora mais radical, em termos de proposta de qualidade, com um misto do que já havia no mercado” — isto é, a atualização gráfica de uma, a qualidade do catálogo de ciências humanas de outra, o modelo empresarial moderno de outra ainda.

A radicalidade veio da determinação em contrariar a regra amplamente aceita de que os títulos comerciais pagam os de prestígio. “A ideia era que a Companhia das Letras não precisaria de best sellers, mas também não se permitiria encalhes”, conta Schwarcz. Segundo ele, a editora foi pega de surpresa quando alguns dos primeiros lançamentos entraram nas listas dos mais vendidos. O exemplo típico é o de “Rumo à Estação Finlândia”, o relato da Revolução Russa escrito pelo crítico literário americano Edmund Wilson, livro que foi uma espécie de cartão de visita da Companhia ao entrar no mercado.

O clássico de Wilson marcou também uma das apostas iniciais de nicho da editora, a “não ficção narrativa”, tradição intelectual anglo-saxã pouco explorada num ambiente cultural mais caracterizado pela tradição europeia. “O projeto inicial era definido como o de uma editora literária de ficção e não ficção. Com o tempo ele se ampliou, se abrindo para a literatura jovem e infantil. A primeira

Sexta-feira e fim de semana, 23, 24 e 25 de julho de 2010 Valor 5

área separada foi a dos policiais e hoje chega até comida e aventura." A editora se tornou mais comercial? "Não mudou, na minha opinião. Nós publicamos Thomas Bernhard ['O Imitador De Vozes']. Mantemos a aposta em autores brasileiros. Há um ou outro livro no limite do comercialismo, mas mesmo Stieg Larsson [trilogia 'Millennium'] é um autor de qualidade no gênero policial."

Numa referência aos requisitos de qualidade de uma editora, um dos votantes, o professor Sergio de Sá, da Universidade de Brasília, citou o "cuidado no tratamento gráfico-editorial do produto, com uma identidade reconhecível à primeira folheada". Nos projetos tanto da Companhia das Letras quanto da Cosac Naify esse aspecto fez parte da própria criação da identidade da empresa. "Pretendi ter uma marca, com a escolha da tipologia, do papel e até da entrelinha", diz Schwarcz. "Dizem que Deus está nos detalhes. Nos livros isso é uma verdade absoluta." Na Cosac Naify, a marca existe, mas, paradoxalmente, sua característica principal é uma diversidade extremada.

A editora começou com a publicação, em 1997, de livros de artes visuais, algo incomum no Brasil, e mantém uma imagem diferenciada, para dizer o mínimo, entre as concorrentes. "As boas editoras cumprem a importante função de balancear o compreensível interesse comercial com ousadia, mas a Cosac parece ser só ousadia", comentou um dos votantes. Massi concorda em parte. "O nosso luxo é a ideia", afirma ele, relativizando a fama de que a editora produz livros caros, que seriam, portanto, vendidos a preços igualmente caros.

Um dos títulos mais vendidos da Cosac Naify, "Bartleby, o Escrivão", de Herman Melville, tinha uma concepção arrojada e barata, usando revestimento impermeável de carburador para a capa. Ganhou um prêmio de design e na época de lançamento, 2005, saiu com preço abaixo de R\$ 30,00. Prêmio de design, por sinal, é o que não falta no currículo da editora, que já vendeu ilustrações feitas para seus livros a casas europeias.

"Nós introduzimos algo de novo no mercado, pensando para cada livro um conceito exclusivo", diz Massi. Ele já percebe a influência desse projeto em outras editoras. "Todo mundo mudou suas capas, fazendo escolhas que antes não faziam", observa. O esforço em estabelecer uma marca visual faz parte da intenção geral de "criar repertório" e "formar um leitor especial".

Para isso, a editora adotou o hábito de acompanhar os livros de autores ou artistas consagrados com prefácios, posfácios e quartas capas, encomendados a especialis-

O júri

Críticos e professores escolhem melhores editoras

Alcides Villaça

Professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP)

Alcir Pécora

Professor de teoria literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Allison Marcos Leão

Professor de literatura brasileira da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Antonio Carlos Secchin

Poeta, professor de literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)

Antonio Medina Rodrigues

Tradutor e professor de língua e literatura grega da USP

Aurora Fornoni Bernardini

Professora da USP

Benjamin Abdala Júnior

Representante da área de letras e linguística na Capes do Ministério da Educação e professor da USP

Cristovão Tezza

Escritor

Fábio de Souza Andrade

Crítico e professor de teoria literária da USP

Helôisa Buarque de Hollanda

Professora de teoria crítica da cultura da UFRJ

Italo Moriconi

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

José Castello

Escritor e crítico literário

Leda Tenório da Motta

Professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC)

Lourival Holanda

Professor de teoria literária da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe)

Luís Antonio Giron

Doutor pela USP e crítico

Manuel da Costa Pinto

Crítico literário

Muniz Sodré

Professor da Escola de Comunicação da UFRJ e presidente da Fundação Biblioteca Nacional

Maria Lúcia Dal Farra

Poeta e professora de literatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Regina Zilberman

Escritora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sergio de Sá

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB)

Silviano Santiago

Escritor, crítico literário e professor da UFRJ

tas (muitas vezes inesperados, como o cientista social Paulo Sérgio Pinheiro para comentar "Ressurreição", de Liev Tolstói, que trata, em parte, do sistema prisional), índices onomásticos e sugestões de leitura. Trabalha-se com frequência com uma certa noção de parentesco entre os títulos publicados que criam um universo de relações para o leitor — obras dos mesmos autores, como William Faulkner, para o leitor adulto e para a criança, artistas que têm a obra enfocada num livro e criam a capa de outro, além de livros de referência que sistematizam as áreas temáticas cobertas pela editora.

Tudo isso já se encontrava, de alguma forma, no início da editora, que foi um pouco problemático. Ela foi criada em bases marcadamente idealistas pelo editor Charles Cosac, colecionador e crítico de artes plásticas, com uma proposta de intervenção num setor incipiente no Brasil. Mas já havia outras iniciativas em áreas que até hoje dão sustentação à editora, como a coleção de cinema a cargo do crítico Ismail Xavier, a reedição de autores brasileiros importantes, como João Antônio, e mesmo um início de produção no campo da literatura infantil, que depois seria um dos pontos fortes do catálogo e responsável pelo seu maior sucesso comercial — os livros do personagem Capitão Cueva, que atingiram uma tiragem de 70 mil exemplares.

Chegou-se, e já faz algum tempo, a um nível em que a editora toma cuidado para não crescer mais, pretendendo se manter numa escala "média" dentro do mercado. Segundo Massi, o risco seria perder o vagar necessário para a produção de um livro como o recém-lançado "Maria", volume exaustivo sobre a obra da escultora brasileira Maria Martins, que demandou dois anos para ser feito. O projeto revê praticamente a obra integral da artista. Todas as obras disponíveis ao público foram fotografadas especialmente para o livro por Vicente de Mello, mesmo aquelas que já contavam com registros de boa qualidade, como as expostas no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York. Apesar da sofisticação e do impacto desse tipo de iniciativa, Massi aponta a delicadeza que caracteriza um esforço quase artesanal: "É um trabalho miúdo que pode se desfazer rapidamente".

Quando foi contratado pela Cosac Naify, dois anos e meio depois da fundação, a editora se encontrava deficitária, cercada de rumores de que iria fechar que persistiram durante um bom tempo. O começo da recuperação se deu com a criação da coleção "Prosa do Mundo", constituída de títulos de autores clássicos já passados para o domínio público, o que permitiu uma economia em direi-



Cassiano Elek Machado e Augusto Massi, da editora Cosac Naify: "De três ou quatro anos para cá, a editora amadureceu, mudou de patamar e de visibilidade", diz Massi

tos autorais, compensada por investimentos no tratamento propriamente editorial.

Assim, logo no lançamento da coleção, a editora conseguiu emplacar dois sucessos de venda com duas obras consideradas eruditas, "O Diabo e Outras Histórias", de Tolstói, e "Niels Lyhne", de Jens Peter Jacobsen, autor dinamarquês muito pouco conhecido. Com esses e outros bons resultados comerciais, foi possível manter a atividade "de ponta" da editora, presente em publicações como ensaios clássicos na área de ciências humanas e nos já tradicionais livros de arte, que hoje abrangem praticamente todas as áreas criativas, da arquitetura à moda.

A Companhia teve um início melhor porque surgiu no clima de entusiasmo do curto período de vigência do Plano Cruzado, um intervalo nos tempos de inflação desenfreada. Com o confisco do Plano Collor, no início de 1990, "80% do dinheiro sumiu", segundo Schwarcz. A primeira tentativa de contornar a situação comercialmente foi o lançamento de uma coleção de livros pe-

Raio X das campeãs

Por dentro das melhores editoras

■ Companhia das Letras

Ano de fundação: 1986

Títulos lançados: 3.239

Títulos em catálogo: 2.800

Tiragem média: 4.500 exemplares

Título mais vendido: "O Mundo de Sofia" (950 mil exemplares)

■ Cosac Naify

Ano de fundação: 1997

Títulos lançados: mais de 800

Títulos em catálogo: cerca de 800

Tiragem média: 5 mil exemplares

Título mais vendido: "Capitão Cucca" (70 mil exemplares)

quenos de análise conjuntural. Não deu certo. A editora estava com o primeiro volume da coleção "História da Vida Privada" pronto para rodar. "A gente não tinha como pagar a gráfica, mas a gráfica também não tinha serviço", lembra-se Schwarcz. Foi assim que a penúria criou a oportunidade para um estouro editorial, que popularizou no Brasil a escola da história das mentalidades. Schwarcz considera esse um dos pontos altos da editora, ao lado das biografias ("Chato", "Anjo Pornográfico" etc.). Ele espera um impacto semelhante dos lançamentos do selo Penguin Companhia, resultante da associação da editora com a Penguin Classics.

Num país imenso, com poucas livrarias e hábitos de leitura ainda sendo criados, a distribuição é um dos grandes problemas do mercado editorial, embora a Companhia das Letras e a Cosac Naify considerem as dificuldades em boa parte superadas. A Companhia partiu para o sistema de consignação total, que hoje é prática comum. Foi o jeito, na época de inflação pesada, de

lidar com uma situação em que havia boas vendas, mas a editora não formava caixa e ainda tinha de arcar com as devoluções. A Cosac investe num contato de divulgação direto com as livrarias individualmente e com seus vendedores, aproveitando a fase de sofisticação do setor. "Fala-se muito em livro eletrônico, mas as livrarias ainda têm uma vida longa e sólida pela frente", afirma Luiz Schwarcz.

Nem tudo é elogio para as vencedoras da enquete. Há quem considere a Companhia das Letras uma editora excessivamente paulista. "Talvez a presença física da sede da editora em São Paulo influa um pouco nas escolhas", afirma Schwarcz. Alguns dos votantes também criticaram as duas editoras por não lançarem tantos autores brasileiros quanto seria desejável, comparando-as desfavoravelmente à editora Record nesse aspecto. Schwarcz responde: "A Companhia pode não ser a mais garimpeira de novos talentos, em parte porque não abandonamos nossos autores; somos bem exigentes e talvez seja um erro não investir em alguns talentos que ainda não estão prontos". Também a Cosac se considera um pouco devedora na publicação de autores brasileiros, embora Massi também afirme a fidelidade da editora a seus autores.

As duas editoras adotam uma mesma estrutura que se distancia da antiga tradição centrada na figura de um único editor — marca, por exemplo, da respeitada Perspectiva, "casa de poucos recursos, não comercial e civilizadora", nas palavras da professora Leda Tenório da Motta. A Companhia trabalha com o que Schwarcz chama de "máquina pesada" de editores juniores e seniores que, entre outras coisas, responde por repetidas leituras e revisões, participação em todas as etapas de produção, acompanhamento do autor e conhecimento do público-alvo. A Cosac Naify, que tem um editor para cada área temática e semanalmente realiza uma "reunião de conceito" com toda a equipe, está agora derrubando paredes de sua sede, em São Paulo, para intensificar a interação profissional.

O período que se aproxima é de exposição, com a participação das editoras na Flip e na Bienal. Entre outras, a Companhia das Letras levará para o debate com o público o polêmico Salman Rushdie. A Cosac trará tanto para a Flip quanto para a Bienal o biógrafo americano de Clarice Lispector, Benjamin Moser. A editora também dará atenção especial à área infanto-juvenil na Bienal. Um dos lançamentos será a estreia das historinhas do Snoopy na Cosac, com comentário de Umberto Eco. "Até nosso Snoopy é cabeça", brinca Cassiano.

Diálogo maior entre público e escritores produz mais leitores

Maria da Paz Trefaut
Para o **Valor**, de São Paulo

O público leitor brasileiro tem crescido de forma expressiva. Pesquisa do Observatório da Leitura, "Retratos da Leitura no Brasil" indica que dobrou o número de livros lidos por habitante na última década. Outra pesquisa, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, traz números expressivos, colhidos em 12 mil domicílios por todo o país (veja ao lado). Parte dessa evolução é creditada à proximidade e ao diálogo entre o público e os escritores, que têm sido fomentados nas pequenas feiras e grandes eventos espalhados pelo país, como a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) e a Bienal do Livro.

Muito diferentes entre si, os dois eventos têm destaque no calendário cultural do país e reúnem público significativo em agosto, um mês que começa, a propósito, com a entrega do Prêmio São Paulo de Literatura 2010, em cerimônia no Museu da Língua Portuguesa, no dia 2, às 20 horas, quando serão conhecidos o melhor livro do ano e o melhor livro de autor estreado.

A Flip, concentrada em apenas cinco dias, é mesmo uma verdadeira festa, que se prolonga noite adentro pelos restaurantes e bares da cidade histórica. Já a bienal mantém um estilo de grande feira, onde os estandes das editoras, com seus lançamentos, são tão atrativos como

os debates e a programação paralela.

Em 2003, quatro meses antes do início da 1ª Flip, os organizadores temiam não reunir público para o evento. Mas 500 pessoas compareceram. Na segunda edição havia 10 mil. Hoje, o festival reúne 20 mil e movimenta indiretamente R\$ 4,76 milhões na economia do município, que tem 100% de ocupação nos hotéis e pousadas.

Esse crescimento, na avaliação do arquiteto Mauro Munhoz — um de seus criadores e diretor-presidente da Casa Azul, associação responsável pela realização —, só é possível pelo envolvimento comunitário. "A Flip não se resume aos dias de debates, muita gente trabalha o ano todo para que ela seja possível. Há ações de educação e leitura literária nas escolas, com estudantes de 6 a 17 anos, para que a população seja anfitriã."

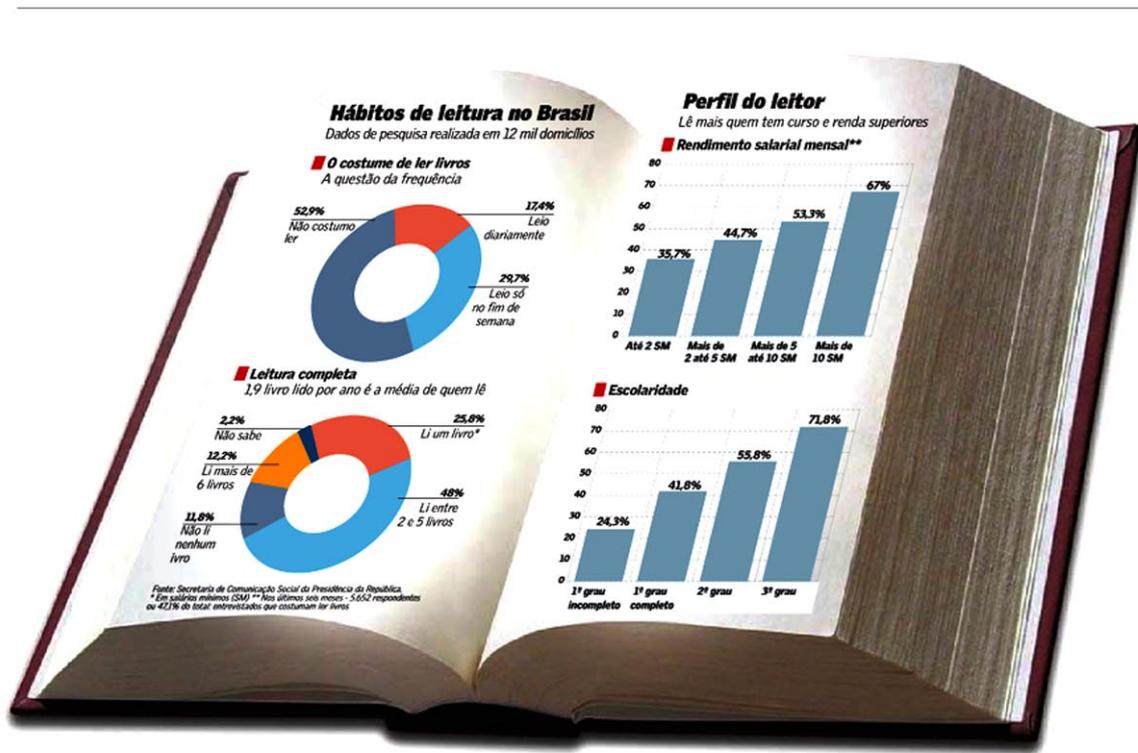
Apesar de todos esses cuidados, a Flip não pode mais crescer. Para se sustentar, pressiona a cidade para resolver seus problemas de infraestrutura urbana e continuar referência de turismo cultural. Ela leva menos gente ao município do que o Carnaval e o réveillon, deixa as ruas mais limpas e mais dinheiro em caixa.

O custo da Flip 2010 é de R\$ 6,3 milhões. Essa verba vem de patrocinadores e parceiros, além de programa de patronos (plano de mecenato voltado para pessoas físicas). O principal patrocinador é o Itaú, que tem apoio do governo do Rio, dos Ministérios da Cultura e do Turismo e da Prefeitura de Paraty.

A edição deste ano teve duas perdas signifi-



DANILO VERPA/FOLHA IMAGEM



cativas entre as participações mais esperadas. O escritor italiano Antonio Tabucchi e o roqueiro Lou Reed. Este cancelou a vinda na última hora, mesmo depois dos ingressos vendidos. Ainda assim, como em anos anteriores, a procura para as mesas com os autores, show de abertura e outras atividades teve um fluxo intenso no primeiro dia de venda. Em poucas horas, 24 mil ingressos foram vendidos por telefone, internet e nos postos autorizados.

As principais estrelas internacionais deste ano são Isabel Allende, o cartunista Robert Crumb e o indiano Salman Rushdie, conhecido por seus "Versos Satânicos", que aproveita a Flip para o lançamento mundial de "Luka e o Fogo da Vida", pela Companhia das Letras. Outro nome de peso é William Kennedy, americano, ganhador do Prêmio Pulitzer de literatura por "Ironweed" — livro que deu origem ao filme de Hector Babenco e relançado pela Cosac Naify. Também chama a atenção a escritora cubana Wendy Guerra, que já participou nua de performances e lançou "Nunca Fui Primeira-Dama", para

desmentir suposto affair com Fidel Castro.

Entre os brasileiros, a Tenda de Autores com Ferreira Gullar foi a mais procurada. O poeta, crítico de arte e ensaísta, que completa 80 anos em setembro e acaba de ganhar o Prêmio Camões, fala de sua trajetória e lê trechos de "Em Parte Alguma", seu novo livro. Há ainda outros nomes, como o de Patrícia Melo, Moacyr Scliar, Reinaldo Moraes, Beatriz Bracher.

O homenageado desta edição será o sociólogo Gilberto Freyre, cuja obra será abordada em três mesas. A conferência de abertura, "Casa-Grande e Senzala: um Livro Perene", traz um debate entre o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o historiador Luiz Felipe de Alencastro. A análise do legado de Freyre se estende por outros dias, com o sociólogo José de Souza Martins e o antropólogo Hermano Vianna. Só essas participações já bastam para antever o clima festivo que agitará Paraty nos primeiros dias de agosto. Um show com Edu Lobo e o Quarteto de Cordas da Academia Osesp também integra a programação, na noite de abertura.

Quatro dias depois do encerramento da Flip, começa outro evento literário. Mais "mega" a cada edição, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo comemora 40 anos. No mundo, apenas dois eventos literários têm dimensão maior: a Feira do Livro de Frankfurt e a Feira Internacional do Livro de Turim. Em 2008 foram 728 mil visitantes. A expectativa deste ano é reunir 350 expositores do Brasil e do exterior, representantes de mais de 900 editoras, que estarão distribuídos numa área de 60 mil m², no Pavilhão de Exposições do Anhembi, na Zona Norte de São Paulo. A programação, com cerca de 700 atividades, se estenderá por 11 dias e cerca de 400 horas.

Se nos primeiros anos da bienal as atividades dependiam mais da ação dos expositores, nos últimos dez quem passou a tomar conta da programação foram os organizadores. Monteiro Lobato, Clarice Lispector, lusofonia e o livro digital são os quatro temas em destaque neste ano.

A preocupação do calendário é atender um público variado, que engloba editores, livreiros

ros, distribuidores, professores, bibliotecários, autores e estudantes. "Nosso trabalho é especialmente direcionado para a faixa infanto-juvenil, que comporá os leitores do futuro", diz Rosely Boschini, presidente da Câmara Brasileira do Livro, que organiza o evento com a Reed Exhibitions Alcântara Machado.

A CBL vai investir mais de R\$ 1,5 milhão na bienal. Mas cada expositor arcará com os custos de sua participação. O futuro da feira, segundo Rosely, deve inclinar-se ainda mais para as atividades de interação do público com o livro e com os escritores. Para isso deve ser incrementado o Salão de Ideias, onde os autores debatem os mais variados temas. Nesta edição, talvez tendo por inspiração a venda desenfreada da saga "Crepúsculo", o vampirismo vai ser assunto na sexta-feira, 13. Quem for fantasiado não paga o ingresso de R\$ 10,00.

Ações desse tipo, bastante ancoradas no marketing, levam a feira a atrair um segmento menos intelectualizado e mais interessado em entretenimento que envolva o consumo do livro. Há concurso de prêmios, promotores fantasiados com personagens de desenhos animados do canal Discovery Kids, atores de televisão fazendo performances.

Com todos esses artifícios, a bienal não foge à sua vocação de tentar democratizar a leitura. O que passa pela melhor utilização do livro na sala de aula, pela moda crescente das obras de gastronomia e culinária, pelo debate de questões atuais como sustentabilidade, tecnologias da informação e até emprego e desemprego.

A grande pergunta que permanece é por que os editores não aproveitam o evento para oferecer descontos e incrementar as vendas, a exemplo do que ocorre em outros países. A presidente da CBL responde: "É claro que as editoras têm o direito de realizar eventuais promoções, até para estimular o contato do visitante com os livros. Mas a comercialização de produtos não é o alvo do trabalho da Bienal do Livro".

Rosely Boschini chega a dizer que há um desestímulo para os expositores promoverem liquidações, saldos ou queima de estoques durante o período. "O que queremos é mostrar a produção editorial brasileira e internacional, debater e discutir o livro."

8ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip)

Quando: do dia 4 ao 8
Onde: Paraty (RJ)

21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Quando: do dia 12 ao 22. Aberta para o público a partir do dia 13
Onde: Pavilhão de Exposições do Anhembi

O livro não é uma página virada

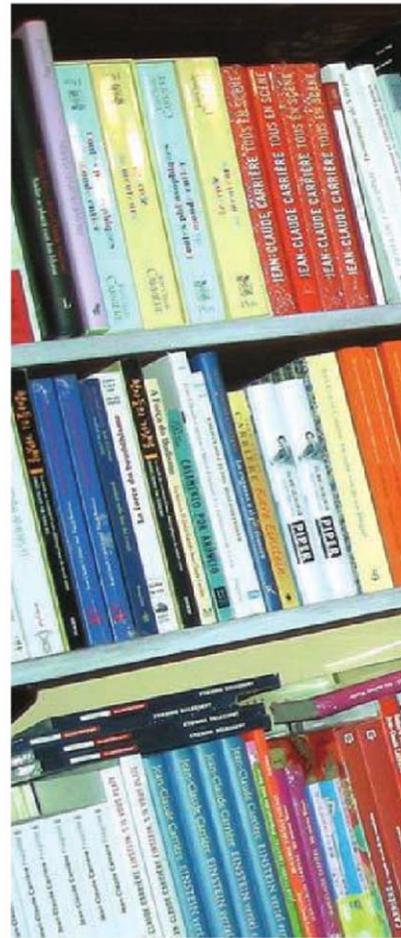
Mônica Cristina Corrêa
Para o Valor, de Paris

Considerado o sustentáculo maior da cultura, o livro não está livre dos riscos trazidos pelas novas tecnologias ou novas tendências. Em festivais literários e salões que reúnem editores, autores, críticos, leitores e curiosos, o lugar do livro nas sociedades atuais tem sido matéria de amplas discussões, muitas vezes calorosas e poucas vezes conclusivas. Foi justamente para discutir o futuro do livro que o celebrado roteirista e escritor Jean-Claude Carrière recebeu a reportagem do Valor em sua casa, em Paris.

Tudo o que cerca esse homem de letras e imagens tem aspectos cênicos: sua residência é um prédio histórico onde já funcionou um antigo bordel de luxo e, para a ela chegar, é preciso andar pelas ruas de Montmartre, próximas à estação Pigalle do metrô. No bairro que abriga o Moulin Rouge, casas noturnas e sex shops com vitrines extravagantes, mesmo à tarde se avistam as moças de programa dentro de cenários escuros, fumando ou bebendo acostadas a balcões.

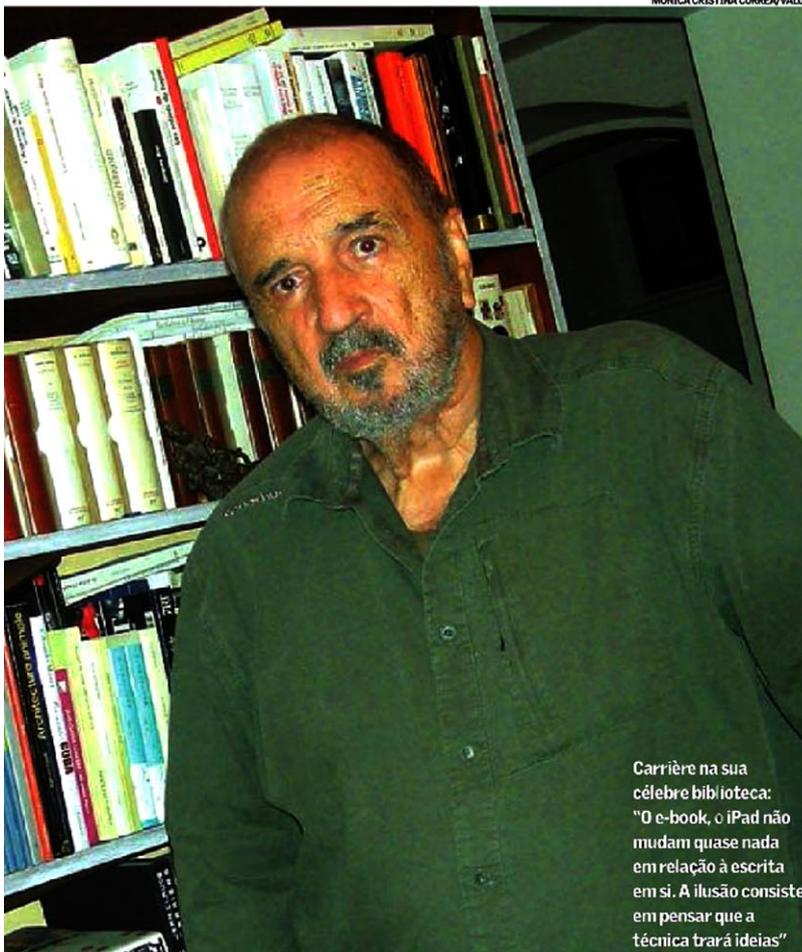
Quando se entra, no entanto, no ático que antecede a bela casa do escritor/roteirista, o mundo é outro. Carrière está à vontade na varanda da frente. Sorridente e acolhedor, um homem alto e quase octagenário (nasceu em 1931) está pronto para falar de sua vasta experiência no mundo dos livros, inclusive aqueles que transportou para a grande tela.

Escritor e cineasta está filmando a adaptação do romance "Syngué Sabour", do afegão Atik Rahimi, vencedor do Goncourt de 2008



Carrière começou sua carreira como romancista. Ao publicar o primeiro livro, aos 25 anos, seu editor o convidou para um concurso: escrever um capítulo para "As Férias do Senhor Hulot". Lançando-se à aventura, Carrière selava também seu destino. Mas o cinema não é sua única área de atuação. Da literatura ao roteiro, fez adaptações para o teatro, principalmente com Peter Brook.

Recentemente, o roteirista conversou sobre o futuro do livro e da cultura com o amigo Umberto Eco, linguista e escritor italiano. O resultado dessas conversas é o recém-lançado "Não Contem com o Fim do Livro", organizado por Jean-Philippe de Tonnac (Record). A obra é um "passeio" entre dois espíritos experientes e livres, de acordo com definição do próprio Carrière. A motivação central do livro não precisava de muito para resolver-se: "Saber se o livro vai continuar a existir é questão banal que se responde em



Carrière na sua célebre biblioteca: "O e-book, o iPad não mudam quase nada em relação à escrita em si. A ilusão consiste em pensar que a técnica trará ideias"

três páginas. Mas quisemos definir o livro, saber o que é e o que contém. Além disso, falamos de memória, da transmissão de uma geração a outra. E descobrimos coisas um sobre o outro, gostos, segredos, hábitos, costumes e até perversões", conta Carrière.

O que uniu esses escritores em torno do assunto livro — que para eles continuará existindo, mesmo que sob diferentes formas — é o fato de serem ambos bibliófilos, mas não dos tipos mais comuns. As perversões de que fala Carrière se referem, talvez, a duas manias diferenciadas: Eco possui vasta biblioteca do que chama de "falsos", ou seja, dos livros cujo objetivo é a imitação de obras de relevo. Carrière possui o inventário da "bobagem", coleção de livros sem importância, que abordam, porém, assuntos inimagináveis.

Coautor de um "Dicionário de Bobagens" (com Guy Bechtel, editado pela Robert La-

font), Carrière acredita que o estudo da "bobagem" é útil porque demonstra que as bibliotecas, tanto as de hoje como de outrora, são compostas por obras desinteressantes escritas por gente sem talento. Diante dessas constatações, não estaríamos muito distantes dos fenômenos contemporâneos de produção em massa de livros cuja qualidade é duvidosa e cujo destino é nebuloso.

Esses aspectos permanecem os mesmos, seja qual for a técnica, diz o autor. "O e-book, o iPad não mudam quase nada em relação à escrita em si. A ilusão consiste em pensar que a técnica trará ideias. Muita gente acreditou. A técnica é uma ótima ferramenta, mas dá a pensar que iria desenvolver nossa imaginação... É ilusão. A criação não tem nada a ver com a técnica e sabemos que atrás da crença de que tudo vai mudar está um sonho comercial. Que é utópico, como todos os sonhos comerciais."

No entanto, se reconhece o valor da técnica como instrumento de facilitação, também aponta as dificuldades que esta traz: "Hoje é preciso conhecer um alfabeto mais complexo que o de antes, com mais caracteres, por causa do computador. É ilusório pensar também que tudo isso é simplificação, mesmo em termos de ferramenta".

Além disso, Carrière comenta o sério problema do armazenamento, da memória. "Acompanhei de perto: há 50 anos as bibliotecas tentam guardar os livros, porque os atuais certamente não poderemos ler daqui a 200 anos. O real problema de hoje é a rapidez com que uma técnica substitui a outra." O e-book, que, para ele, lamentavelmente, com sua única forma de leitura, é monótono, ainda tem o inconveniente de durar pouco: "É possível pegar um livro do século XV, mas não poderemos ler um e-book que tenha 15 anos. A técnica de hoje é muito efêmera".

O mesmo acontece com o cinema: técnica não cria nada. Carrière, que relacionou literatura e cinema, ao adaptar para a tela várias obras literárias ("O Tambor", "A Insustentável Leveza do Ser", "Um Amor de Swann", "Mahabharata"), reconhece que a diferença de linguagem entre esses dois gêneros ganhou mais especificidades.

A vida passada entre livros e imagens tornou a produção de Carrière singular. Ao fim da entrevista, ele nos convida a visitar sua célebre biblioteca, que está em reforma. Descemos por uma pequena escada ao subsolo da casa; ele começa a procurar as edições de seus livros em português do Brasil. Apesar daimensidão de títulos, Carrière sabe onde estão e não demora a tirar de uma das estantes um exemplar do "Círculo dos Mentirosos", editado pela Códex (2004).

Indagado sobre o que pretende escrever agora, responde: "Tenho um projeto que me é muito caro, fazer um livro sobre Luis Buñuel". Carrière trabalhou muito tempo com o cineasta espanhol. E como se, apesar das diferenças, cinema e literatura não deixassem de dialogar, fala de seu projeto em andamento: a adaptação cinematográfica do romance "Syngué Sabour", do escritor afegão Atik Rahimi, vencedor do Prêmio Goncourt na França em 2008. Mais uma vez as letras na tela, o romance transformado em imagens, como a evocar a evolução tecnológica. Mas com o desvelo de escolher o conteúdo de um livro que promete ocupar bom lugar nas bibliotecas.

Mônica Cristina Corrêa, tradutora, doutora em língua e literatura francesa pela USP, tem pós-doutorado em literatura comparada e teoria literária (USP-Fapesp) ■